

**“É PROIBIDO PROIBIR”:  
A ressignificação do slogan de maio de 68 para o mundo espiritual  
da Igreja Messiânica Mundial**

Elisangela Marina de Freitas e Silva\*

No meio das baladas de rock, entre os discursos incediários a favor do amor, passeatas contra os preconceitos raciais e sexuais exaltando os direitos civis, em meio a onda das drogas, no melhor estilo do famoso slogan das décadas de 1950 e 1960 “Sexo, drogas e rock’n’roll”, surgia uma nova sociedade. Através das mentes de jovens sonhadores que queriam criar uma utopia, em que as falsas morais fossem jogadas no lixo, que todos amassem e respeitassem o próximo, que a política e a economia se tornassem assuntos correntes em mesas de jantares, que os pais escutassem mais os filhos e aceitassem as suas escolhas, respeitando sempre a liberdade e o desejo acima de qualquer coisa; desejo de constituir ou não família, de viver sozinho ou em comunidade, enfim liberdade de viver de acordo com a sua consciência; e para seus objetivos serem atingidos foi necessária uma ruptura com os padrões da época, e a forma que encontraram para desestruturar a antiga cultura foi o choque da vida inconseqüente, do viver o presente sem pensar nas conseqüências do amanhã.

Essas ideias da juventude, para muitos eram pensamentos subversivos destruidores da família e incoerentes com o costume de anos da sociedade vigente, sendo discutidos e rejeitados pela maioria das instituições religiosas, onde a moral e os bons costumes sempre foram os preceitos básicos para a aceitação social. Entre essas organizações podemos destacar uma em especial pouco estudada pela historiografia e que teve seu início poucas décadas antes da chamada revolução cultural citada acima, a Igreja Messiânica Mundial – IMM.

Um dos objetivos dessa religião é construção de um Paraíso Terrestre e para tal eles mesmos a denominam como uma religião jovem, pois é com a ajuda deles, os jovens, que mantêm seus alicerces para a propagação dos ensinamentos. Por isso nada

---

\* Mestranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES/REUNI.

mais importante do que estudar o que é ensinado aos jovens, através das normas e os discursos passados a eles, com o caráter de formação moral e espiritual.

Essa instituição religiosa, como diversas outras traz em seus ensinamentos questões que vão de encontro com o sistema idealizado dos jovens das décadas de 1950 e 1960, o que torna mais curioso o seu estudo, pois além do discurso dessas décadas contra as práticas realizadas e as ideias produzidas pela contracultura, vemos a coexistência de uma conciliação de pensamentos, principalmente na questão do misticismo, visto nos jovens ocidentais *hippies*, fato marcado principalmente pela utilização do slogan “É proibido proibir”, tanto pelos jovens da contracultura como pela IMM. Vale salientar, todavia, que a IMM é uma instituição fundada no Japão, país onde não ocorreram grandes manifestações culturais no período. Contudo, este trabalho tem como objetivo analisar como os líderes religiosos tinham consciência da revolução cultural do período. Para tal, a concepção desse estudo consistirá na crítica dos ensinamentos da segunda líder espiritual Nidai-Sama (escritos que foram embasados no discurso doutrinário do fundador e primeiro líder, Meishu-Sama) referentes ao mundo jovem, em que são estipulados comportamentos e pensamentos que um jovem messiânico deve seguir.

É importante destacar que por se tratar de um material da própria instituição, temos a noção e visão disponibilizadas por eles, para o estudo de sua doutrina. Também é interessante comentar que por se tratar de uma religião, seu discurso é incutido pelo tom da verdade absoluta, e sabemos que na história todo discurso é construído, tem historicidade e que, portanto, devemos desconstruí-lo para uma melhor compreensão dos seus múltiplos significados (LE GOFF, 1992: 549).

Através da segunda liderança da Igreja Messiânica Mundial na revelação de Nidai-Sama, que se dá início ao pragmatismo querido de Meishu-Sama, após seu falecimento. Ela inspirada na vida e obra do marido, escreveu ensinamentos para reforçar a aplicação dos ditos divinos no cotidiano dos membros. Para isso, compilou em cinco volumes orientações referentes a: “Difusão da doutrina messiânica”; “A Fé”; “As Orações e o Johrei”; “A prática da Fé”; e os “Jovens”. Este último volume será abordado neste artigo, mas para uma compreensão mais ampla, faz-se necessária uma contextualização sobre o período no qual foram redigidas as documentações, iniciadas a partir de 1955, ano em que Nidai-Sama assumiu o cargo de líder da IMM.

Estando inseridas no cenário da Revolução Cultural dos anos de 1950 e 1960, ambas as décadas são compreendidas por movimentos que tinham a intenção de romper com a cultura vigente, sendo muitas vezes liderados por massas jovens. E como o tema desse trabalho está vinculado aos ensinamentos feitos diretamente ao mundo jovem, nada mais lógico do que citar acontecimentos encabeçados por essa faixa etária. Veremos alguns fatos que marcaram o período e as influências que geraram no âmbito cultural; vale lembrar que a época abordada se refere ao Ocidente. A IMM já estava caminhando nos territórios ocidentais, entretanto não possuía força suficiente para influenciar a cultura da sociedade. Contudo, após o entendimento dessa breve contextualização, teremos noção suficiente para compreendermos o porquê das normas de conduta impostas aos membros jovens da IMM, que serão analisados mais a frente.

Nas décadas de 1950 e 1960 o cenário público ganha novos padrões, ocorre uma liberalização nos comportamentos sexuais. Antes o que era regido pelas leis e pela moral, estabelecidos pelos costumes e opiniões alheias, passa a ser permissíveis, ou mais visíveis, como os casos extraconjugais, o homossexualismo, que sempre estiveram presentes na sociedade, mas de forma camuflada e fugidia, pois a moral e os comentários das vizinhanças eram fatores assustadores para a maioria das pessoas. Só que com a autonomia e autoconfiança encontradas na conduta das novas gerações as “máscaras” da moralidade acabaram sendo despidas (HOBSBAWM, E. 2008:317). Há uma “modernização” que é principalmente manifestada no campo cultural pelos jovens, o que refletirá uma mudança profunda nas gerações futuras ocidentais.

Os novos cidadãos acreditavam que uma mudança no sistema político e econômico, revolucionária ou não, os levaria a nova sociedade. O que era preciso para tal era a criação de uma nova moral, que mostrasse mais sentimento em relação ao próximo, que trouxesse a política mais para questão cotidiana, que ampliasse os canais de participação democrática; e que a diversidade junto com a liberdade fossem respeitadas acima de tudo. Era imprescindível, para a maior parte da juventude da época, a transformação cultural da sociedade (OLIVEIRA, J. H. C. 2010:3). Podemos perceber esses traços em alguns países, como Estados Unidos, Inglaterra, França e mais tardar também no Brasil.

(...), o homem novo que a contracultura tentava construir pressupunha efetivamente um novo modo de conceber e de se relacionar com o mundo à sua volta, nas mais diferentes áreas do seu cotidiano, exigindo portanto o surgimento de uma nova consciência ou de uma “nova sensibilidade”. Em todo esse processo de transformação, o hippismo tinha um papel realmente de vanguarda. Assim, ao longo de toda a década de 60, estes arautos da Era de Aquarius vão constantemente reafirmar sua presença através de acontecimentos sempre significativos. (PEREIRA, A. C. 1992:86)

Foi nas mentes dos jovens que surgiam as ideias para manifestações e a criação dos slogans de revoluções como a de maio de 1968, com o “É proibido proibir”, “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”, “Não sabemos o que queremos, mas sabemos o que não queremos”, “Poder das Flores” e “Paraíso agora” (BORLOZ, A.1986:91).

Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante, por suas grandes possibilidades de entrada no sistema de ensino e no mercado de trabalho, rejeitava esta mesma cultura de dentro. E mais. Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais. Criticava-se e rejeitava-se, por exemplo, o predomínio da racionalidade científica, tentando-se redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção.(PEREIRA, C. A. 1992:23)

Os conflitos políticos envolviam duas gerações com poucos anos de diferença, mas com ideias para a vida na sociedade, completamente distintas. Muitas discussões e conflitos começavam no interior dos lares, entre pais e filhos. Na classe burguesa, muitos pais viam os próprios filhos como inimigos, que antes eram representados pela classe operária (PEREIRA, C. A. 1992:25). A “autonomia” da juventude era simbolizada por um fenômeno representado pelo “agora”, e muitos se viam representados na vida de seus heróis, que nesse período eram os ícones das revoluções, que rompiam com a cultura e que morriam jovens; a juventude e a vida acabavam no mesmo momento. Algo que representou bem essa fase foi o Rock, considerado por muitos como um estado de espírito, tudo era vivido com muita intensidade.

A revolução cultural mostrou ou tentou mostrar o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, velhas convenções de comportamento eram derrubadas a todo o momento, o uso de drogas representava além de um ato de desafio, uma forma de superioridade em relação aos conservadores, o álcool, tabaco e maconha eram utilizados como uma atividade social em certos grupos de jovens, pois o que mais chamasse a atenção dos

outros era desejado, já que para muitos o importante era a exposição, ser reconhecido como revolucionário. E sem ir de encontro aos hábitos intrínsecos da atmosfera social vigente, não conseguiriam modificar as expectativas para um futuro melhor, por isso acreditavam, que sem chocar nada seria modificado.

O ano de 1968 gerou grandes modificações nos campos das revoluções por todo o globo. Iniciadas com o famoso maio de 68 ocorrido na França, que envolveu operários e estudantes, ganhando proporções em vários setores como o apoio de artistas, que consideravam esse ato a tentativa da formação de uma verdadeira cultura. As manifestações começaram após a “noite das barricadas” nos dias 10-11 de maio, onde mais de 400 pessoas ficaram feridas pela ação policial no *Quartier Latin*, no dia 13 todas as centrais de sindicatos declararam greve de vinte e quatro horas e convocaram o povo para uma passeata contra a falta de liberdade e democracia. Mas as vozes que mais ganharam destaque foram as dos estudantes, representados por Cohn-Bendit, estudante de Nanterre que se tornou o principal animador do movimento, sendo proibido de voltar a França, contudo regressa do mesmo modo e faz uma entrevista em *Soubornne*, o que deixa sem ação o Governo. Até as rádios e as televisões francesas permanecem ao lado dos estudantes garantindo a transmissão “honesta e completa” dos acontecimentos. Nos muros eram pintadas frases, dentre elas “Il est interdit d’interdire”<sup>1</sup>. Dia 24 do mesmo mês milhares de pessoas fazem uma manifestação na Bastilha e depois um grupo sai para incendiar a Bolsa de Valores. No dia 30, finalmente o governo faz uma declaração sobre os atos ocorridos durante o mês e o caso do estudante Cohn-Bendit, até então ignorado em seus discursos. Apesar da violência da polícia nas ruas, não foi disparado nenhum tiro e não houve nenhuma vítima fatal durante todo o período de manifestações (MARTINS, L. 2004:119-123). Esses acontecimentos mudaram a visão da sociedade, pois questionavam os modelos de organização social, tanto capitalistas como socialistas e a partir daquele momento aconteceram significativas mudanças nas atitudes governamentais.

Veremos adiante as normas aconselhadas pela liderança da IMM em relação aos adeptos jovens que viviam nestas décadas, lembrando que os mesmos ensinamentos são vistos e seguidos até hoje, pois como foram escritos por Nidai-Sama e baseados nas “verdades” ditas por Meishu-Sama são considerados como divinos, pelos que crêem na

---

<sup>1</sup> Slogan em francês do “É proibido proibir”.

filosofia messiânica, então permanecem atuais em sua concepção doutrinária, sendo publicados até os dias atuais e utilizados como guias de conduta a serem copiosamente seguidos. Será traçado um paralelo entre as ideias e práticas originárias da contracultura com os ensinamentos de Nidai-Sama, feitos diretamente aos jovens, escritos tais que vão de encontro com a revolução cultural e que por vezes conciliam os dois discursos jovens. Também serão vistos os ensinamentos que tem como principal objetivo moldar o caráter dos jovens messiânicos estipulando e explicitando determinadas atitudes ideais para a boa formação de um indivíduo íntegro e correto, para um verdadeiro cidadão do paraíso.

Como mencionado anteriormente, esse trabalho tem como tema o estudo do discurso da Igreja Messiânica Mundial aos jovens adeptos da religião, por esse motivo será utilizado como fonte o livro de ensinamento da coletânea *Fonte de Sabedoria: Jovens*. Esse livro possui 48 escritos de Yoshi Okada (conhecida pelo título religioso de Nidai-Sama), segunda líder espiritual da IMM, estes são baseados na convivência e leitura dos conselhos de Meishu-Sama. Tais orientações foram formuladas durante a década de 1950 e até o ano de 1962, data de seu falecimento, para formar em seus membros desde jovens os preceitos básicos da religião, comportamentos a serem seguidos e até mesmo pensamentos de como lidar com a vida.

Na análise desses materiais é observada uma oposição á revolução cultural, esta contestação é refletida na forma que são estipuladas as normas de conduta para os jovens, “ordens” das quais vão diretamente de encontro com a ideologia pregada pela contracultura do período abordado. Mas que também, a primeira vista, contraditória em certa medida, pois ao mesmo tempo apresenta sinais de conciliação com este discurso revolucionário ocidental especialmente quando se refere sobre a questão da educação formal.

Percebemos durante a leitura dos ensinamentos de Yoshi Okada que não são encontradas referências diretas sobre a revolução cultural ou advertências sobre a vida de artistas ocidentais, contudo, é no decorrer dos textos que notamos que as determinadas atitudes, consideradas adequadas para tornarem-se “homens ideais”, destoam da realidade da maioria dos jovens ocidentais da época. Diante dessa observação podemos dizer que os líderes da IMM estavam cientes das revoluções ocorridas nos territórios ocidentais, devido as ações dos missionários que nesse período

saíram do Japão para a difusão doutrinária, principalmente no Ocidente destacando o Brasil e os Estados Unidos. Outro fator que corrobora com esta afirmação é uma das principais características de um messiânico, o interesse de sempre obter mais conhecimento sobre tudo, ter ciência do que acontece ao seu redor, para ter em “mãos” um discurso coerente e conseguir responder as questões que desafiem a sua crença.

Para melhor entendimento faremos uma compilação dos ensinamentos que conduzem as bases de formação de um jovem messiânico. Começaremos com o ensinamento sobre como *Direcionar de maneira saudável os inocentes propósitos*, texto escrito no início de 1958:

[...] Não há outra salvação para os jovens a não ser fazer brotar neles a religiosidade.

Entre os jovens de hoje, existem aqueles que adotam o princípio de viver apenas o momento presente. Observando bem, no entanto, isso acontece apenas com uma minoria. Temos a impressão de que eles estão fazendo uma apologia do mal, mas, na realidade, após a guerra, o número de jovens mais responsáveis e comprometidos tem se tornado maior. Por eles serem tão sérios é que o índice de suicídio também tem aumentado. Creio que os jovens acabam se suicidando por não saberem mais o que fazer. E isso ocorre devido, basicamente, à falta de um objetivo claro na vida. Assim, acredito que os adultos é que devem se sentir responsabilizados por isso, já que possuem mais experiência da vida. (OKADA, Y. 2007:37-40)

Lendo nas entrelinhas vemos que essa fala transmite uma dualidade em que primeiramente refere-se a uma juventude com caráter inocente/pueril, com ausência da experiência em relação a vida, e o elogio a maior conscientização dos jovens pós-guerra em relação a sociedade. Mas o importante aqui é o discurso que transmitem ao inserirem a crítica em relação a questão dos jovens que vivem apenas o presente momento, vistos na opinião da Igreja como agentes do mal, é nesse ponto que vemos a ligação com a revolução cultural, que tinham como preceito exatamente essa ideia de viver o agora. Ressignificam essa ideia com o objetivo de introduzir na mente dos messiânicos uma empatia com esse estilo de vida, pois o aliam ao mal, sendo assim totalmente contraditória a missão primordial messiânica.

Observamos ainda nesse mesmo ensinamento o discurso conversor religioso e patriarcal, no qual toda a solução resulta em implantar a religiosidade no subconsciente, e responsabilizando totalmente os adultos que são por eles obrigados a conduzir os

jovens ao caminho do bem por serem dotados, segundo a doutrina, de toda a experiência de vida suficiente para dar exemplo de bons costumes e da moral.

Todos os discursos são costurados conforme a doutrina da igreja e para que tudo caminhe na ordem messiânica, as falhas devem ser corrigidas e aprimoradas, para isso são apontadas as qualidades da juventude como a impetuosidade, a inocência, a agilidade, mas também os defeitos, como a falta de experiência da realidade, dentre outros. Por pensarem dessa maneira é explicitado o ponto de vista de que os pensamentos deles (jovens), nunca são coerentes com a vida real, deste modo eles deveriam sempre estar unidos aos adultos, para que harmoniosamente ambos ajudassem uns aos outros, os adultos entrando com o conhecimento que pela experiência de vida “existe de fato”, sendo assim ajudados com a rapidez de ação da juventude, que são considerados pelos messiânicos, condutores da impulsividade (OKADA, Y. 2007:41-42). Lembremos que nesse período ocorriam diversas manifestações que contestavam a sociedade, justamente pelas ideias conservadoras das gerações passadas. Então notamos ainda, que esse ensinamento datado em 1959, busca a conciliação entre ambas as faixas etárias, para que de certa forma os jovens parassem de contestar a “experiência” da maturidade vista como a verdadeira realidade, e por que não dizer da verdade divina, pois afinal para a IMM tudo o que acontece é a vontade de Deus.

Alguns ensinamentos repassam as informações que chegam aos líderes da IMM, ou pelo menos, as informações que eles julgam ser ou possuir um valor para a difusão da Igreja. Vemos esse exemplo no *Empregar a energia na leitura e aquisição de experiências*, típico ensinamento que mostra o encantamento das pessoas de outros países com o *Johrei* e com a religião em si. É nessa lição que a líder espiritual assegura:

Ouvi dizer que os estrangeiros costumam afirmar: “A Igreja Messiânica Mundial possui todos os requisitos para se expandir mundialmente.” (...) É nosso desejo que a Igreja Messiânica Mundial do Japão, ao invés de ficar restrita a si mesma, falando das suas maravilhas somente às pessoas a ela ligadas, se transforme na Igreja Messiânica do Mundo; caso contrário, será impossível liderar a Nova Era. (OKADA, Y. 2007:72-73)

Entendemos nessas palavras a intenção de legitimar essa religião salvadora do mundo, incumbida com a missão de condutora da Nova Era. Ao falar em Nova Era, ainda mais nessas décadas, nossa memória nos remete a Era de Aquário, entendida por muitos, principalmente pelos *hippies* como a Era que a humanidade estará mais

evoluída e os problemas que antes assolavam a sociedade extinguir-se-ão. Conseguimos traçar um paralelo entre essas Eras, a de Aquário e a Messiânica, também vista como Paraíso Terrestre, já que ambas trariam as mesmas benevolências para a Terra, e a divulgação das duas existências ocorreram entre as décadas de 1950 e 1960, sendo coincidência ou não, possuem o mesmo significado aparentando ser a mesma Era, mas com conotações diferentes. Uma confirmada pela ciência dos astros, astrologia e a outra embasada por uma instituição religiosa. O que diferencia essas “ideias” para a chegada da Nova Era é que para a primeira, está estipulada pelo cosmos sem vínculo algum com as atitudes da humanidade, e a segunda é diretamente relacionada com as ações das pessoas e quanto mais atos altruístas, mais rápida será a ascensão da Terra para a Nova Era (PEREIRA, C. A. 1992:86).

Um ponto que podemos fazer outra ligação direta com a contracultura é o que as outras religiões condenam na IMM, pois julgam como mera forma de atrativo para novos adeptos. Os seguidores de Mokiti Okada apropriaram de um dos *slogans* utilizados pelos jovens de maio de 68, o “É proibido proibir”. A Igreja utiliza essa expressão, como maneira de não “bater de frente” com os hábitos dos novos membros. Nos ensinamentos não é visto em nenhum momento a palavra proibido referindo-se a não utilização de algo ou comportamento. Há sim, uma indução para não utilização ou práticas de comportamentos inapropriados, ou o que a filosofia messiânica considera prejudicial a sua causa e ao espírito do membro, carregando um caráter pejorativo para estes atos e condenando assim tudo o que é feito em exagero ou beira ao extremismo, sendo dessa forma uma proibição mais velada.

A explicação segundo eles é que nada é proibido, pois vai da consciência de cada, o que faz bem para si e à humanidade. Sendo assim, o membro ganharia consciência de seus atos aos poucos e caminhar-se-ia para a vontade divina, largando os vícios. Claro, a pessoa que não se adequar aos costumes e não buscar ajuda nos ensinamentos não passaria a ser considerada messiânica, mesmo porque, não terá motivações para encaminhar-se em tal religião (OKADA, Y. 2007:82).

Com a leitura dos livros da igreja sobre os jovens, vemos claramente que apesar do livro de Nidai-Sama ter sido escrito no Japão, com a difusão a doutrina através dos missionários a IMM tinha conhecimento das atitudes que permeava o ocidente durante a contracultura, fazendo assim, tanto discursos contrários a maioria das atitudes

comportamentais dos jovens dentro ou fora do Japão. Mas também, a ligação de pontos considerados por eles positivos à inserção na filosofia como ao se tratar de uma maior espiritualização social ou individual em relação a educação, podendo dessa maneira alcançar mais novos adeptos, aumentando seu potencial de divulgação.

Outro ponto importante é a questão da consciência dos líderes sobre a conservação de seus ensinamentos, estes cercados do discurso divinizador em que apontaram como sendo vontade divina a formação e divulgação tal como foi dada da filosofia e suas práticas messiânicas, já que afirmavam que o fundador era o próprio homem-Deus, sendo assim possuidor da verdade absoluta, deixando desse modo claramente a credibilidade e a incontestabilidade de seus ensinamentos para qualquer membro, tendo não mais que a “obrigação” de acatar o pensamento se quiserem permanecer na comunidade religiosa e ingressar no futuro Paraíso Terrestre, além de condenar quem não compartilha da ideia de existência de um Deus a uma vida pela metade, a uma vida infeliz.

## FONTES

OKADA, Mokiti. **Alicerce do Paraíso**. São Paulo: Ed. Fundação Mokiti Okada – MOA, 1999.

OKADA, Yoshi. **Fonte de sabedoria: difusão**. São Paulo: Ed. Fundação Mokiti Okada – MOA, 2000.

OKADA, Yoshi. **Fonte de sabedoria: jovens**. São Paulo: Ed. Fundação Mokiti Okada – MOA, 2007.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

BORLOZ, Alexis Acauan. **Malucos: A contracultura e o comportamento desviante** Porto Alegre, 1969/1972. Porto Alegre: UFRGS, 1986.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, Luciano. **A “Geração AI-5” e Maio de 68: Duas manifestações intransitivas**. Rio de Janeiro: Editora Argumento, 2004.

**Material explicativo sobre a Igreja Messiânica Mundial**. São Paulo: Ed. Fundação Mokiti Okada – MOA, 2010.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.